

EUCLIDES DA CUNHA E SIQUEIRA MENEZES^(*)

José Calasans

1 - Siqueira Menezes é um dos heróis de **Os Sertões**. Seu nome aparece destacadamente no grande livro que Euclides da Cunha dedicou à Campanha de Canudos. Nenhum outro militar saiu mais engrandecido das páginas eloquentes da obra famosa do que o “jagunço alourado”, a quem Euclides chamou o “olhar da expedição”. O perfil do tenente-coronel José Siqueira de Menezes, entusiasticamente traçado pelo notável escritor brasileiro, vale uma verdadeira consagração. “Ninguém até então”, escreveu o autor de **À Margem da História**, “compreendera com igual lucidez a natureza da campanha, ou era melhor aparelhado para ela. Firme educação teórica e espírito observador, tornavam-no guia exclusivo daqueles milhares de homens, tateantes em região desconhecida e bárbara. Percorrera-a quase só, acompanhado de um ou dois ajudantes, em todos os sentidos. Conhecia-a toda; e infatigável, alheio a temores, aquele campeador, que se formara fora da vida dos quartéis, surpreendia os combatentes mais rudes. Largava pelas chapadas amplas, perdia-se no deserto referido de emboscadas, observando, estudando e muitas vezes lutando. Cavalgando animais estropeados, inaptos a um meio galope frouxo, afundava nos grotões; varava-os; galgava os cerros abruptos, em reconhecimentos perigosos; e surgia no Caipan, em Calumbi e no Cambaio, em toda parte, mais preocupado com a carteira de notas e os croquis do que com a vida”.

“Atraía-o aquela natureza original. A sua flora estranha, o seu fâcies topográfico atormentado, a sua estrutura geognóstica ainda não estudada – antolhavam-se-lhe, largamente expandidas, em tomo, escritas numa página revolta da Terra, que ainda ninguém lera. E o expedicionário destemeroso fazia-se, não raro o pensador contemplativo. Um pedaço de rocha, o cálice de uma flor ou um

^(*)Publicado em *Arquivos da Universidade da Bahia - Faculdade de Filosofia*, Vol V, Bahia, 1956. Republicado, em edição do autor, em 1957 (Aracaju/Sergipe, Livraria Regina Ltda).

acidente do solo, despeavam-no das preocupações da guerra, levando-o A jagunços. Assombrava-os aquele homem frágil, de fisionomia nazarena, que, apontando em toda parte com uma carabina à bandoleira e um podômetro preso à bota, lhes desafiava a astúcia e não tremia ante as emboscadas e não errava a leitura da bússola portátil entre os estampidos dos bacamartes”.

“Por sua vez o comandante em chefe avaliara seu valor. O tenente-coronel Siqueira de Menezes era o olhar da expedição. Oriundo de família sertaneja do norte e tendo até próximos colaterais entre os fanáticos, em Canudos, aquele jagunço alourado, de aspecto frágil, física e moralmente brunido pela cultura moderna, a um tempo impávido e atilado – era a melhor garantia de uma marcha segura. E deu-lhe um traçado que surpreendeu os próprios sertanejos”¹.

O longo trecho citado, ao qual poderíamos acrescentar outras expressivas palavras de Euclides da Cunha, conferiu a Siqueira Menezes a honra de figurar na esplêndida galeria das personagens euclidianas. Escudado nesta qualidade de herói de **Os Sertões**, respeitado e admirado pelos feitos que praticara e vinham narrados no livro imortal, o doutor Siqueira exerceu, após a luta do Bom Jesus Conselheiro, importantes missões militares e relevantes posições políticas. Foi comandante da Brigada Policial do Distrito Federal e do 3º Distrito Militar (Bahia); prefeito do Alto Purus, onde fundou a cidade de Sena Madureira; presidente de Sergipe no triênio 1911-1914; senador da República, representando seu Estado natal, de 1915 a 1923. Em todas essas funções, aparecia sempre na posição privilegiada de herói de **Os Sertões**, o que, de certo modo, valorizava o próprio posto que estava desempenhando. “Fisionomia nazarena”, “pensador contemplativo”, “olhar da expedição”, “jagunço alourado” eram palavras lembradas pelos áulicos nas louvações entoadas ao ilustre soldado. Em Aracaju, conta-nos Gilberto Amado nas suas memórias, “o general

¹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, 20ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 380-1.

presidente era o personagem de Euclides, o tenente-coronel expedicionário de Canudos”².

Armando Guaraná, no utilíssimo **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**, também fere a mesma tecla: “de sua atuação em Canudos fala Euclides da Cunha com grandes encômios no seu livro **Os Sertões**, nas páginas 380 e 381”³. Sempre Siqueira ligado ao livro de Euclides...

2 - Figurando, com referências encomiásticas, numa obra notável, tendo participado ativamente da campanha que Euclides da Cunha estudou, o tenente-coronel José de Siqueira Menezes devia formar seu juízo pessoal a respeito do livro e do autor. Opinião que, seria lógico admitir, devia encarar com simpatia, senão mesmo gratidão, o escritor nacional que assegurara ao soldado um lugar na História... A Siqueira Menezes seria agradável ouvir falar de Euclides da Cunha. Assim pensava Gilberto Amado, no longínquo 1911, quando, pela primeira vez, no Palácio do Governo, em Aracaju, falou com o “jagunço alourado”. “Eu pensava que Siqueira de Menezes e Euclides da Cunha”, são palavras de Gilberto Amado, “formassem uma correlação natural, palpitante, viva. Falar de Siqueira Menezes a Euclides da Cunha seria ouvir... as frases de **Os Sertões**. Falar de Euclides da Cunha a Siqueira de Menezes, importaria em ouvir palavras de gratidão, de enternecimento, de felicidade”⁴. Terrível engano. Julgando agradar ao general, de quem precisava obter o imprescindível apoio à sua candidatura ao legislativo federal, o jovem pretendente assim teria começado:

– “General... não posso, olhando pela primeira vez o senhor, deixar de pensar no tenente-coronel da expedição de Canudos. Euclides...”

² AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956. p. 175.

³ GUARANÁ, Armando. *Dicionário Bio-Biográfico Sergipano*. Rio de Janeiro, 1925, p. 185.

⁴ AMADO, Gilberto. *Op. cit.*, p. 178.

O presidente interrompeu-o, bruscamente.

– “Não me fale nesse... “O epíteto injurioso chiou: “Nunca foi lá. Nunca se perdeu por aquelas bandas. Nunca me viu. Nunca o viram”.

–“Mas, General... Foi um grande momento para o senhor, para Sergipe, para o Brasil. Uma glória para todos nós. Nunca sergipano mereceu tanto, foi elevado tão alto como naquelas páginas”.

– “Não me fale nesse... !”⁵

E no final da conversa, em face da insistência de Gilberto Amado:

– “Mentira! Não viu nada! Nada daquilo é verdade”⁶.

“Tive surpresas na vida”, declara o vigoroso ensaísta de **Grão de Areia**, “mas nenhuma ultrapassou aquela”⁷. Aceitou, porém, apesar da surpresa as estranhas declarações, convencendo-se que Euclides não se avistara com Siqueira de Menezes. “É forçosa a conclusão”, comenta Gilberto Amado, “Euclides poetizou o personagem (sic.) obedecendo à mesma tendência magnificadora e romantizaste que indignou Plácido de Castro. Forneceram-lhe algumas notas esparsas sobre a campanha... talvez uma fotografia de Siqueira, cujo nome, salientado ao acaso, impressionou-o. Talvez nem mesmo essas notas de que falo lhe tenham sido presentes. Comprove-se simplesmente, por vocação de temperamento e vício de formação, em representar, para seu uso, no cenário melancólico, onde a inépcia dos homens condizia com a sordidez da paisagem, um herói romântico, uma figura de ficção que lhe pareceu necessária

⁵ *Idem*, p. 180.

⁶ *Idem*, p. 179.

⁷ *Idem*, p. 179.

à obra. Que importa que não existisse? A ciência, a bravura, a contemplatividade, a alma profunda do expedicionário do sertão, do jagunço alourado, são engrandecimentos de processo, oriundos da mesma deformação sublimadora que levou Castilho a chamar linfa a água de Ovídio, Coelho Neto adaga a faca de que se servira o negro de engenho”⁸.

3 - A revelação contida no terceiro volume das memórias de Gilberto Amado e a posição que o memorialista adotou sobre assunto estão a merecer cuidadoso estudo crítico, o que tentaremos fazer neste momento.

As declarações em apreço, que alcançaram grande repercussão nos nossos meios literários, levam-nos às seguintes conclusões:

1) Euclides da Cunha não esteve em Canudos. (“Nunca foi lá... Nunca se perdeu por aquelas bandas... Nunca o viram”...

2) Euclides da Cunha não conheceu Siqueira de Menezes (“Nunca me viu”...)

3) O “jagunço alourado”, herói da campanha de Canudos, é mera criação literária de Euclides.

Inicialmente, precedendo à discussão das sensacionais revelações, precisamos pesar o valor do testemunho de Gilberto Amado. Teria sido o escritor realmente fiel ao repetir as expressões ouvidas, num instante de natural emoção, há mais de quarenta anos passados? Guardaria ele perfeitamente o tom em que foram as mesmas pronunciadas? Sem pôr em dúvida a sinceridade da testemunha, não podemos esquecer, na pesquisa histórica, as dolorosas traições da memória, tão bem estudadas pelos especialistas da matéria? Teria mesmo Siqueira de Menezes declarado que Euclides da Cunha nunca esteve em Canudos? A afirmação é de tal forma inconsistente que temos direito de repetir a

⁸ *Idem*, p. 181.

pergunta. Ninguém, até hoje, levantou a mais leve suspeita a respeito da presença de Euclides da Cunha na zona de operações de Canudos, donde ele remeteu para **O Estado de São Paulo**, crônicas datadas de 12, 24, 26, 27, 28 e 29 de setembro e de 1 de outubro. Seria possível que um homem de responsabilidade, representando um grande órgão da imprensa paulista, cometesse a leviandade de datar seus artigos de um lugar onde ele não se encontrava? É inconcebível que o jornalista estivesse mentindo ao escrever, a 12 de setembro: “E vingando a última encosta divisamos subitamente, adiante, o arraial imenso de Canudos”⁹. Que tivesse a coragem de inventar, na correspondência de 27: “O general Artur Oscar, restabelecido agora de ligeira enfermidade, acaba de mostrar-me alguns tipos de balas caídas nos tiroteios da noite”¹⁰. Os exemplos poderiam ser multiplicados. Invariavelmente, em todas as crônicas, Euclides menciona lugares, narra fatos, cita nomes de pessoas, tudo evidenciando que o repórter estava nas redondezas do arraial fanático. No seu caderno de notas, arquivado no Instituto Histórico Brasileiro, figuram croquis, anotações diversas, tudo comprovando sua presença no teatro da guerra sertaneja. Os jornais da Bahia noticiaram sua partida e seu retomo de Canudos. Um, trecho de Francisco Mangabeira, em notas ao poema **Tragédia Épica**, indica que fizera amizade com o grande escritor nos arredores do Belo Monte¹¹. O Dr. José Marques dos Réis, do Serviço Médico da Polícia da Bahia, contou a Helvécio Carneiro que medicara, várias vezes, na sua barraca em Canudos, a Euclides da Cunha¹². Diante do que vimos de expor, a assertiva de Siqueira de Menezes, se de fato foi fielmente reproduzida por Gilberto Amado, não pode ser aceita. Euclides esteve, sem dúvida alguma, em Canudos, tendo assistido os últimos momentos do singular e efêmero Império do Belo Monte.

⁹ CUNHA, Euclides da. Canudos. *Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 85.

¹⁰ *Idem*, p. 101.

¹¹ MANGABEIRA, Francisco. *Tragédia Épica*. Bahia: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1900.

¹² “*Jornal de ALA*”, III, Bahia, p. 33.

4 - Passemos ao segundo ponto, Euclides não conheceu Siqueira em Canudos. “Nunca me viu”. Em vista das provas que apresentaremos a seguir, somos levados a contestar, ainda uma vez, a categórica informação de Siqueira de Menezes. Euclides e Siqueira estiveram, sem dúvida alguma, juntos, em Canudos. A 28 de Setembro, registrava o repórter ilustre na correspondência remetida ao seu jornal: “Para não perder tempo, *continuo* (o grifo é nosso) com o tenente-coronel Siqueira de Menezes – um tipo interessantíssimo e notável, ao qual mais longamente me referirei, a observar sistematicamente, hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude em Canudos. Faremos com todo o cuidado estas observações que são as primeiras realizadas nestas regiões e das quais se derivará a definição mais ou menos aproximada do clima destes sertões”¹³. No dia seguinte, informava aos seus leitores: “Às 7 1/2, em companhia, dos generais Artur Oscar, Carlos Eugênio, tenente-coronel Menezes e outros oficiais, segui para uma excursão atraentíssima - um passeio dentro de Canudos”¹⁴. A 1 de outubro, na derradeira crônica que escreveu da zona conflagrada, fala na Comissão de Engenharia, cujo chefe era o já tantas vezes citado Siqueira de Menezes, dizendo: “À 1 hora e 45 minutos cheguei à sede da comissão de engenharia e observei o combate”¹⁵. Refere-se ainda, em duas oportunidades, a conversas ouvidas na Comissão de Engenharia, que disse ser o “ponto clássico das melhores palestras do acampamento”¹⁶. Por que iria Euclides da Cunha inventar todos estes encontros com Siqueira de Menezes? Há, porém, alguma coisa mais. Na sua caderneta de notas, guardada como já dissemos no Instituto Brasileiro, encontrou Eloi Pontes estas anotações de Euclides da Cunha: “Fui com o tenente-coronel Siqueira até próximo de uma pedra que verificamos ser

¹³ CUNHA, Euclides da. *Idem*, p. 103.

¹⁴ *Idem*, p. 106.

¹⁵ *Idem*, p. 121.

¹⁶ *Idem*, pp.98 e 105.

mármore negro. Almocei com Guabiru e jantei com Alípio”¹⁷. Outro biógrafo de Euclides da Cunha, o educador Francisco Venâncio Filho, informa que foi em Joá, localidade próxima a Canudos, que se deu o encontro de seu biografado com o chefe da Comissão de Engenharia¹⁸.

Também na imprensa da época, há uma notícia que confirma as relações de conhecimento entre Siqueira e Euclides. Está no **Jornal de Notícias**, da Bahia, edição de 27 de outubro de 1897. Vejamo-la: “Consta que o Dr. Siqueira de Menezes deseja publicar um estudo sob o ponto de vista militar, político, social e religioso do grupo conselheirista. Compreende também uma apreciação detida e imparcial das observações que fez sobre o original e simpático tipo brasileiro do vaqueiro ou sertanejo. Este trabalho foi mostrado ao inteligente Dr. Euclides da Cunha”.

A convivência com Siqueira de Menezes, naqueles dias dramáticos, levou Euclides da Cunha a incluir o destemido sergipano na lista dos seus amigos. Não estamos fazendo suposições. Podemos documentar a afirmação. Em junho de 1904, quando estava pleiteando uma comissão à Amazônia, escreveu, numa carta endereçada a José Veríssimo, um dos patronos de sua pretensão: “Não há temer-se a oposição de um espectro, o Exército, por causa dos **Sertões**. Tenho lá, mesmo naqueles lugares, amigos, – bastando citar o nome de Siqueira de Menezes. Além disso, o rancor despertado pelo livro vai muito atenuado”¹⁹.

¹⁷ PONTES, Eloy. *A Vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1938. p. 120.

¹⁸ VENÂNCIO FILHO, Francisco. *A glória de Euclides da Cunha*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1940. p. 23. Desconhecemos a fonte em que o dedicado euclidiano bebeu a informação. Supomos que tenha sido a mencionada caderneta, que infelizmente ainda não tivemos ensejo de consultar.

¹⁹ VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha a seus amigos*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1938. p. 127.

Realmente, na época citada, ocupava Siqueira de Menezes, já general, o cargo de prefeito do Alto Purus, que deixou, em começo de 1905, quando seguiu para a Bahia, segundo informa o criterioso pesquisador sergipano Armindo Guaraná²⁰. Ao passar por Manaus, quando regressava ao sul, em janeiro ou fevereiro, Siqueira Menezes encontrou Euclides da Cunha que chegara à capital amazonense, como chefe de Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, a 30 de dezembro de 1904. Contou-nos, certa vez, o engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha, integrante da referida Comissão, que Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes estiveram conversando, longamente, na maior cordialidade, defronte do teatro de Manaus. Podemos acrescentar, com documento existente no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que Siqueira de Menezes foi portador, nesta oportunidade, de uma fotografia da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus enviada por Euclides da Cunha a seu tio, José Rodrigues Pimenta da Cunha, pai do já mencionado engenheiro Pimenta da Cunha, que figura no grupo retratado. Existe, na Casa da Bahia, devidamente emoldurada, cópia da fotografia original, contendo a seguinte inscrição: No verso desta fotografia se lê com a letra de Euclides da Cunha: “José Rodrigues Pimenta da Cunha. Bahia. P.E.F. do general Siqueira de Menezes (Arnaldo)”.

Os dados que apresentamos, todos merecedores de maior crédito, destroem, ao nosso ver, a declaração de Siqueira de Menezes, trazida ao conhecimento público pelo embaixador Gilberto Amado.

5 - Resta-nos, agora, o terceiro ponto, isto é, a conclusão a que chegou Gilberto Amado, lamentavelmente alicerçado em base precária. Para ele, segundo mostramos anteriormente, o “jagunço alourado” é uma criação de Euclides da Cunha Siqueira, é, apenas, um herói de **Os Sertões**.

²⁰ GUARANÁ, Armindo. *Op. cit.*, p. 181.

Perguntaremos, então: sendo, indubitavelmente, um dos heróis do grande livro, teria sido o bravo soldado, em verdade, um dos heróis de Canudos? A pergunta, que muitos julgarão descabida, justifica-se plenamente. Há quem pense, como é o caso de Gilberto Amado, que **Os Sertões** não deve ser considerado, rigorosamente, um livro de história. Opinião, digamos desde logo, de certo modo abonada por um amigo e admirador do infortunado fluminense, Afrânio Peixoto, que proclamou, discursando na Academia Brasileira de Letras: “Não é um livro de história, de estratégia ou geografia, é apenas o livro que conta o *efeito dos sertões* sobre a alma de Euclides da Cunha”²¹. Afrânio Coutinho, em trabalho aparecido na imprensa, já indagou se o grande livro não é obra de ficção²². Na tradução francesa de **Os Sertões**, deparamos esta expressiva classificação – “*roman historique*”. Bem podemos, portanto, em face do que ficou dito, mesmo sem tomar partido por enquanto, considerar que os heróis de **Os Sertões** não são, forçosamente, os heróis de Canudos. A ardente imaginação de Euclides da Cunha, convenhamos, possuía capacidade para criar seu mundo especial de heróis. Siqueira de Menezes podia estar incluído neste majestoso quadro. Em verdade, porém, tal não sucedeu. O “jagunço alourado” é um herói de **Os Sertões**, mas também é um autêntico herói de Canudos. Alinhemos alguns depoimentos em favor desta tese: “No trem ordinário de segunda-feira”, noticiava o **Diário da Bahia**, a 21 de outubro de 1897, “chegou de Canudos o heróico coronel Dr. Siqueira de Menezes. São inestimáveis os serviços prestados pelo ilustre militar à República, com o seu talento e conhecimentos técnicos, com o seu denodo e com seus ideados planos de ataque. Para terminação desta luta terrível talvez tenha sido o coronel Dr. Siqueira o que mais tenha concorrido, com a tomada dos melhores pontos estratégicos inimigos. Nós que tivemos os primeiros, a satisfação e a honra de salientar seus feitos, cumprimos-lo em nome da Bahia agradecida”.

²¹ PEIXOTO, Afrânio. *Poeira da Estrada*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1947. p. 33.

²² COUTINHO, Afrânio. "A TARDE", Salvador, 4 de nov., 1952.

Alvim Martins Horcades, estudante de medicina que serviu nos hospitais de sangue durante a campanha, autor de um livro corajoso onde critica fortemente alguns chefes militares, assim escreveu a respeito do “olhar da expedição”:
“Também nesse dia (sete de setembro) às duas horas da tarde, a alma de Canudos, o homem da ciência e da guerra, o militar e o homem ilustrado, tenente-coronel Dr. Siqueira Menezes, com o 9º, o 22º e o 34º tomou a estrada do Cambaio, para onde havia marchado no dia 4...” E, mais adiante: “Além disto o ilustre cidadão a que me refiro sabe ser soldado e homem ilustrado, sabe manejar a arma quando preciso e a pena quando necessário. E além de tudo, sabe ser militar ilustre, porquanto compreende o que é generosidade. Obedecendo a seus princípios de educação não pratica os atos de vandalismo que outros têm honra em fazer, não havia um só jagunço, *quer manso quer bravo*, que não aceitasse o nome honrado de Siqueira de Menezes²³

O brigadeiro Marcos Evangelista da Costa Vilela Júnior, sargento de artilharia na época da guerra sertaneja, conta, nas suas memórias, que Gustavo Barroso divulgou em **O Cruzeiro**, de 27 de outubro de 1956, um fato que revela a extraordinária coragem pessoal do ilustre militar. Ouçamo-lo: “Neste momento, estava á direita do meu canhão, a uns dez ou quinze metros, coronel Siqueira Menezes, comandante de Engenharia, com um embornal de lona cheio de pentes de munição de fuzil e com um mosquetão, troteando, dando prova de sua alta bravura, pois não era combatente e, portanto, nada tinha com o que se passava na linha de frente”²⁴.

Henrique Duque Estrada Macedo Soares, tenente de infantaria, tendo participado da guerra do Conselheiro e escrito um livro bem interessante, também destaca elogiosamente o papel do chefe da Comissão de Engenharia.

²³ HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma Viagem a Canudos*. Bahia: Lito-Tipografia Tourinho, 1899. p.48.

²⁴ José Bonifácio Fortes, em artigo publicado na imprensa sergipana a respeito da revelação de Gilberto Amado, registrou o depoimento do brigadeiro Vilela Junior, no que diz respeito à atuação de Siqueira Menezes.

“A maneira como o tenente-coronel Siqueira de Menezes desempenhou-se do encargo”, diz o autor citado, granjeou-lhe francos aplausos das forças, pondo em evidência elevadas qualidades de oficial preparado para os mais altos cometimentos, revelando, a par de atividade e tino poucos comuns, ampla intuição do serviço de que foi encarregado, mostrando ser oficial completo de Estado Maior, completamente despido de quaisquer preocupações que pudessem empanar o brilho do seu espírito verdadeiramente militar”²⁵. Noutro trecho, tratando de uma marcha levada a efeito pelo mesmo oficial, afirma o tenente Macedo Soares; “Tal foi, narrada em breves termos, a importante marcha estratégica, realizada pelo tenente-coronel Siqueira de Menezes, operação em que este oficial revelou qualidades de consumado militar e que tanto o recomendam”²⁶. O tenente-coronel Dantas Barreto, outro participante da luta, no seu livro ***Última Expedição a Canudos***, conceituou a propósito do seu companheiro de farda: “O tenente-coronel Siqueira de Menezes, de quem não se podia duvidar, tal era a confiança que o seu temperamento varonil e o seu carácter altivo inspiravam”²⁷. Finalmente, a palavra autorizadíssima do general Artur Oscar, comandante da Quarta Expedição contra Canudos, consignada em documento oficial: “O tenente-coronel José Siqueira de Menezes é de uma bravura excepcional e será um excelente chefe de estado maior”²⁸. Os conceitos que acabamos de transcrever, comprovando as qualidades intelectuais e morais, a bravura pessoal e os conhecimentos técnicos de Siqueira de Menezes, são suficientes para assegurarem ao “jagunço alourado” um posto definido no quadro dos heróis de Canudos. O perfil que dele nos deu Euclides da Cunha, naturalmente com as cores fortes do seu estilo, não é obra de imaginação. Julgamos que o “jagunço alourado” mantém, em face de documentação que

²⁵ SOARES, Henrique Duque Estrada Macedo. *A guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Tip. Altina, 1902. p. 279.

²⁶ *Idem*, p. 284.

²⁷ BARRETO, Dantas. *Última Expedição a Canudos*. Porto Alegre: Franco Irmãos. Editores, 1898. p. 33.

²⁸ CANTUÁRIA, João Tomás. *Relatório apresentado ao Presidente da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. p. 174.

conseguimos respigar, sua condição da personagem histórica, de herói de Canudos, apesar da tentativa de seu sepultamento nas páginas deliciosas da ***Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa.***